

O eu feminino diarístico em Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, e a alteridade

Marinês Andrea Kunz⁵⁴
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Damodara Ferrer de Quadros⁵⁵
Universidade Feevale

Resumo

A literatura brasileira constitui-se, ainda, como sistema bastante fechado, em que autores(as) da margem buscam seu espaço. Nesse contexto, escritoras negras, em especial, têm lutado por reconhecimento por parte de seus pares, a fim de ocupar um espaço digno e emergir na malha canônica. Nessa perspectiva, a trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus é precursora. Diante disso, este artigo tem a finalidade de analisar a construção do eu feminino diarístico em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e as relações de alteridade evidenciadas na trama narrativa. É pela percepção do eu feminino em análise que se pode compreender seu posicionamento enquanto sujeito social, seu conhecimento e sua visão de mundo e do outro enquanto mulher, negra e favelada. Carolina Maria de Jesus problematiza, de um lado, a literatura por sua posição enquanto sujeito marginalizado; e, por outro, a sociedade, por meio das relações de alteridade estabelecidas em sua narrativa, mostrando o valor estético e testemunhal de sua obra.

Palavras-chave

Quarto de despejo. Diário. Eu feminino. Alteridade. Literatura brasileira.

⁵⁴ Doutora em Letras (PUCRS), Mestre em Ciências da Comunicação (UNISINOS) e Licenciada em Letras Português/Alemão (UNISINOS). Professora e Pesquisadora na UFPB.

⁵⁵ Licenciada em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Feevale. Graduanda do curso de Pedagogia pela mesma instituição e pós-graduanda em Educação Bilingue e Cognição pela Instituição Evangélica de Novo Hamburgo. Atualmente, atua como professora de Língua Inglesa na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Introdução

“Não existem reencontros imediatos com o passado, como se pudesse agarrar uma substância, mas há um processo meditativo e reflexivo.”

(Jeanne-Marie Gagnebin)

Página | 95

Ainda na contemporaneidade, o negro é concebido como sujeito a ser subordinado, colocado em uma posição inferiorizada na sociedade brasileira. Essa situação é ainda mais grave quando se trata das mulheres negras. Historicamente, os negros são silenciados, pois, desde os processos de colonização do Brasil, criou-se no imaginário brasileiro a ideia de que os negros trazidos de África não lutaram por sua liberdade e se deixaram escravizar. Além disso, é necessário perceber a continuidade desse pensamento discriminatório: “Herdamos um contencioso pesado e estamos tendendo a perpetuá-lo no momento presente; as pesquisas mostram a discriminação estrutural vigente no país, a qual abarca [...] as áreas da educação, da saúde, chegando aos registros de moradia, transporte, nascimento e morte” (SCHWARCZ, 2019, p. 40). Nesse sentido, é necessário rever tal narrativa e fazer justiça aos que morreram em prol da liberdade e da igualdade — igualdade infelizmente ainda não alcançada. Há, pois, ainda, um longo caminho a ser trilhado, para que as vozes dos sujeitos negros rompam totalmente as profundezas do silenciamento, legitimando-se nos distintos setores da sociedade brasileira.

A partir disso, lança-se um olhar sobre o cânone literário brasileiro, uma vez que a literatura é capaz de agir como força descentralizadora, permitindo a emergência de novas perspectivas históricas e sociais, e de romper com a prevalência masculina de escritores brancos de classe média e alta no universo literário. Sobre isso, Dalcastagnè afirma (2012, p.8):

Por isso, a entrada em cena de autores ou autoras que destoam desse perfil causa desconforto quase imediato. Pensem no senhor que conserta a sua geladeira, no rapaz que corta seu cabelo, na sua empregada doméstica – pessoas que certamente têm muitas histórias para contar. Agora colemb o retrato deles na orelha de um livro, coloquem seus nomes em uma bela capa, pensem neles como escritores. A imagem não combina, simplesmente porque não é esse o retrato que estamos acostumados a ver, não é esse o retrato que muitos defensores da Língua e da Literatura (tudo com L maiúsculo, é claro) querem ver. Afinal, nos dizem eles, essas pessoas têm pouca educação formal, pouco domínio da língua portuguesa, pouca experiência de leitura, pouco tempo para se dedicar à escrita.

Contudo, é necessário romper com tal cosmovisão. Assim, constituindo-se em uma forma de olhar para a sociedade, a literatura e o sistema literário, mediante a luta

dos que estão à margem, rendem-se, mesmo que lentamente, a transformações, uma vez que há o desejo de participação e visibilidade por parte dessa população criativa, mas silenciada, que reivindica seus direitos de representação.

Refletir sobre a produção literária advinda da margem requer que se pense sobre as relações de poder que perpassam o sistema literário. Relações construídas ao longo da nossa história de exclusão social e de valorização do mundo letrado (em geral, privilegiado na escala social), em detrimento daqueles que a estrutura patriarcal dos donos da terra e do capital desejam tornar invisíveis e inaudíveis.

Romper com essa estrutura de pensamento é muito mais difícil quando não se percebe, ou não se assume, que nosso olhar é construído, que nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela política, pelas estruturas sociais. Que aquilo a que chamam 'estética pura' não está menos comprometido ideologicamente do que a crítica feminista, ou marxista, por exemplo. E que, portanto, toda e qualquer apreciação literária é regida por interesses. (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 67-68)

Assim, embora o cânone literário brasileiro ainda se mostre resistente à inclusão de textos da/sobre a margem, não se esgotam as lutas por uma voz ativa que possa abrir espaço para o novo, possibilitando ao que está à margem migrar para o centro literário, conquistando seu local de representatividade e sua legitimidade social.

Contudo, mediante a análise de narrativas literárias ao longo da nossa produção literária, percebe-se que poucas são as mulheres negras no universo narrativo. Quando estão representadas, em geral, ocupam um lugar marginal, por meio de personagens sexualizadas, submissas, escravizadas e sem voz, como Rita Baiana, de *O cortiço*, por exemplo. Se o seu posicionamento como personagem narrativa se mostra rarefeito, seu lugar como autora é também problemático. Quanto à condição das escritoras negras que romperam a malha do sistema literário, Vasconcelos afirma:

A atitude de determinação dessas mulheres simples que mudaram suas vidas vencendo as dificuldades sociais e os preconceitos de raça e gênero, é exemplo decisivo para suas filhas. Tal atitude contribui para que as novas gerações de mulheres afro-brasileiras consigam alcançar novo patamar educacional e social, superando as expectativas de um lugar social estabelecido pelo padrão patriarcal racista (2015, p. 150).

Nesse contexto, Carolina Maria de Jesus fez de seus diários uma enunciação que reivindica os espaços de fala para os sujeitos marginais, excluídos pelo sistema, em especial negros e pobres, com baixa escolarização e empregos mal remunerados. Ela apresenta um retrato fidedigno da favela, e se hoje é perceptível a presença da periferia nas páginas literárias, isso só foi possível, porque vozes periféricas romperam a malha canônica, constituindo um nicho no sistema literário. Certamente, a obra de Carolina Maria de Jesus, publicada no século passado, contribuiu para essa mudança no cenário

da literatura brasileira contemporânea.

A obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, possibilita a visibilidade de um mundo peculiar, por meio da apresentação da vida da escritora ao outro. Nesse sentido, expõe-se, também, ao escrutínio desse outro, localizado em distinto e mais elevado estrato social, que a nega e, assim, a invisibiliza.

Mediante tal confissão ao outro, por meio do diário, surge a necessidade do estudo dos conceitos de alteridade. As relações interpessoais, também denominadas outridade, são caracterizadas pela interdependência do eu com o outro, ou seja, o ser social forma sua identidade somente a partir das suas relações com o meio em que vive e do compartilhamento de suas vivências com o outro, pois é através dessas trocas que o eu sofrerá mudanças e moldará sua identificação como sujeito.

Este artigo objetiva, pois, analisar a obra supracitada de Carolina Maria de Jesus, sob a ótica do eu feminino diarístico da periferia, que aí se apresenta e se configura na trama narrativa.

1 O diário como literatura

De formação humanizadora, conforme Candido (2004) a caracteriza, a literatura tem como uma de suas principais funções sociais aprimorar a subjetividade do homem. Isso significa que os textos literários incidem sobre a individualidade do leitor, ou seja, são formadores de subjetividades. A literatura é o resultado do trabalho de lapidar a palavra para compor um espaço, determinar e descrever o tempo, criar personagens, podendo dar voz a um ser discursivo potencialmente capaz de contar uma história possível de ser visualizada pelo leitor, incidindo sobre a interpretação da realidade por intermédio da transfiguração desta no universo fictício. Dessa forma, pode-se dizer que cada texto literário é uma forma de expressão dos conhecimentos e das emoções e a representação de uma ótica particular sobre o mundo.

A narrativa pressupõe personagens e suas ações, que constituem a história, enquanto a enunciação dessas ações instala o processo de narração. Mesmo que parta do real, como no caso do diário em análise, a natureza da ação narrativa é perpassada pelo ficcional, pois o autor pinça do plano do real o conteúdo e institui um narrador, responsável pelo arranjo estético do universo literário, articula os fatos em relações de causa e consequência, em dado tempo e espaço, medindo a informação a ser revelada.

Na outra ponta, o receptor. Das relações entre texto e leitor, sabe-se que é

por meio da leitura que ocorre a interpretação do texto, estabelecendo um “confronto do mundo do texto com o mundo do real” (SARAIVA, 2001, p. 52). Isso significa que essa interpretação se dará de modo diferente para cada leitor, cujos códigos éticos, cosmovisão, conhecimentos e vivências incidem sobre o preenchimento das lacunas textuais e ambiguidades do discurso narrativo. Além disso, seu posicionamento como sujeito social — inserido em determinado tempo e espaço tempo — também influenciará a atividade heurística da leitura. A interpretação empreendida pelo leitor diz, pois, mais sobre ele mesmo do que sobre o texto.

Nessa perspectiva, os textos de Carolina Maria de Jesus se constituem como arte mimética, uma vez que, por meio da representação do real, configurado em forma de diário, decodificam o meio social em que se inserem a partir do sujeito preso à margem, ou seja, apresentam um “olhar de dentro” (DALCASTAGNÈ, 2005). Para o estudo da construção do eu feminino em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e suas relações de outridade, compreende-se que as escritas de si, no gênero diário, constituem uma narrativa.

Carolina Maria de Jesus caminha na contramão do estereótipo lançado sobre a mulher negra, que normalmente é vista como objeto de desejo, incapaz e sem direito de pertencer a figurar no campo literário. Ela rompe com esse rótulo e se assume como sujeito centralizador, criador e narrador da própria história, que busca incessantemente por mudanças. É, pois, um ser desejante, o que se expressa na trama diarística.

Quando se fala em diário, é importante levar em conta que o número de leitores e escritores, conforme afirma Vasconcelos (2015), ao longo dos séculos, era predominantemente masculino e, para as mulheres, o acesso à educação era praticamente inexistente, porém, com a ampliação da escolarização das camadas sociais, houve o aumento do número de leitores e de escritores e, assim, as mulheres passaram a ser as principais consumidoras da literatura. Vale salientar que essas leitoras faziam parte da burguesia brasileira, e, dessa forma, criou-se o estereótipo da literatura destinada às mulheres, ou seja, os romances sentimentais tipicamente “femininos”. Entre os textos destinados ao público feminino, figurava o diário.

O termo *diário* por si só já revela sua intenção. Caracteriza-se como uma escrita cotidiana, apresenta vestígios datados, já que, no primeiro ato, o autor registra o dia, mês e ano em que se encontra, antes mesmo de expressar suas vivências. Ele é, portanto, um vestígio do tempo, testemunho do vivido. Lejeune (2014) afirma que, no início, os diários eram coletivos e públicos e, posteriormente, entraram também na

esfera privada, depois individual, e, enfim, na mais secreta intimidade, servem sempre para registrar as memórias do seu autor.

O diário nasce e age como uma prática. Seu valor se institui por meio da autenticidade dos fatos registrados. Ao fim do dia, o autor avalia suas vivências do cotidiano e as relata e interpreta a partir de sua ótica. Toda e qualquer alteração que fizer em um período posterior aos fatos o desvalorizará, pois poderá perder a essência memorialística em seu estado natural: “o diário, assim como a aquarela, quase não suporta o retoque” (GUTFREIND, 2015, p.13).

Dessa forma, Lejeune (2014) afirma que o diário também serve como um espelho. Esse olhar que é projetado sobre o eu e faz com que surjam as contradições, a autoanálise, os apontamentos dos erros, atingindo a transformação, proporciona a percepção do próprio comportamento, uma vez que possibilita ao narrador analisar de perto as decisões tomadas na sua rotina, resultando em uma ferramenta de construção de uma imagem mais positiva do eu por meio da introspecção: “uma vez projetados no papel, podemos nos olhar com distanciamento” (LEJEUNE, 2014, p. 303).

Pensando na produção de Carolina Maria de Jesus, o diário cumpre seu papel literário simultaneamente sob dois aspectos, ou seja, enquanto arte e enquanto denúncia social. Por meio dos seus escritos, ela fala em nome da periferia, não somente de artistas e outros escritores da/sobre a margem, mas também é a enunciativa da voz dos subalternizados que reivindica espaços de fala e denuncia o silenciamento da sua classe por meio do registro das experiências, da reflexão sobre a autoinvenção e o escrutínio do Outro. Nesse sentido, quanto à subalternidade, Spivak, no ensaio *Pode o subalterno falar?*, afirma que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (2019, p. 165). É com essa subalternidade feminina que a escrita do diário rompe, por meio do relato sobre a cotidianidade da vida de Ana Carolina de Jesus, permitindo sua inscrição no mundo como sujeito. Ao enunciar a si e suas vivências, a diarista se institui ontologicamente como eu pensante, reflexivo e questionador de si e do Outro.

O aspecto autobiográfico do diário, em que coincidem a autora e a narradora, constitui estratégia de registro e de apresentação da realidade apreendida pelo sujeito. Contudo, na medida em que o registro tinge o papel, a materialidade narrativa transforma-se, deixando de ser puro testemunho, para sobredourar-se de uma camada de ficcionalidade por meio da escolha do que merece ser contado, pela forma como é

contado. Há, pois, a intencionalidade de engendrar certa imagem acerca do sujeito diarístico e da realidade vivida, o que converge para o que Gagnebin afirma sobre a autobiografia: “o *autos* não é mais o mesmo, o *bios* explode em várias vidas que se entrecruzam e a *grafia* segue o entrelaçamento de diversos tempos que não são ordenados por nenhuma linearidade exclusiva” (1994, p. 88). Assim, ao relatar o seu dia, sua grafia é perpassada pelas vozes dos outros e pelo olhar avaliativo do sujeito sobre si mesmo e suas ações. Diante disso, podemos lançar o olhar sobre a imagem de Carolina configurada no diário.

2 A Carolina expressa no diário

Pelo diário, depreende-se que Carolina Maria de Jesus foi julgada uma mulher indisciplinada por se recusar a desempenhar o papel determinado às mulheres negras, pois se negava a ser submissa a um casamento e por ser descredibilizada por sua condição de catadora de papel, além de se negar a ser silenciada e a assumir sua predestinação social. Essa insubordinação é perceptível a partir do momento em que veste a roupagem de uma mulher que é dona e produtora de saber, mostrando-se capaz de conduzir sua história pelas próprias mãos na busca incessante por liberdade e revolução, impulsionada pelo sentimento de inadequação ao ambiente e à realidade em que vive.

Sua escrita pode ser compreendida como uma forma de evasão, um ponto de fuga para os problemas cotidianos, como a fome diária de seus filhos ou as péssimas condições sociais em que viviam na favela do Canindé. Essa forma de refúgio era percebida pela própria autora, que, em diversas passagens, afirma que escrever era uma forma de transcender o estado em que se encontrava, criando um mundo muito particular, em que conseguia viver: “Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2014, p. 24). A narrativa caroliniana, além de apresentar a subjetividade da autora, também produz esse sujeito feminino em análise que transpassa a crítica social, tornando-se muito mais do que um grito de socorro para o mundo, resignificando a própria existência.

O diário é compreendido como uma releitura dos fatos ocorridos no cotidiano daquele que o escreve. Esse ato de reler a própria rotina pode ser entendido como uma busca da autora pela compreensão da sua origem, na cidade de Sacramento, tendo em vista que ela empreende uma retrospectiva e finda no momento presente,

quando se encontra na favela do Canindé. Perpassa vários instantes temporais, permitindo a si mesma refletir, simultaneamente, a respeito do momento da escrita e dos momentos passados. A memória é, pois, segundo Santo Agostinho, onde

me encontro a mim mesmo, e recorro as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recorro, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem. (1996, p. 268).

A representação da autora na obra literária é, pois, fundamental para a relação que se estabelece entre a narrativa e o leitor, uma vez que, segundo Sousa (2017), há uma inegável relação entre os “*eus*” projetados no texto (autor, narrador, personagem e leitor).

Além disso, na contemporaneidade, há um desgaste das relações interpessoais em virtude do individualismo, do que decorrem consequências muito negativas, como a violência e a intolerância racial, sexual, religiosa e política, o que configura desrespeito ao próximo e descaso com a vida humana. Nesse sentido, é importante ter em mente que:

Apenas por meio da aproximação de dois objetos pode-se falar que há alteridade; assim, ela não existe essencialmente em cada ser, mas na relação entre dois seres distintos que se encontram ou se chocam em determinado meio, em outras palavras, é como o ser se relaciona. (KUNZ; CONTE; BOTTON, 2013, p. 12).

E essa relação, não raro, é problemática na sociedade brasileira, em que não há preocupação com o bem-estar do Outro, muito embora essa relação seja responsável pela formação do *eu*, por meio da diferença evidenciada pelo estranho. Nesse contexto, a literatura surge como um meio de denúncia do desgaste das relações de alteridade, possibilitando a discussão das relações humanas.

Diante disso, a escrita do diário se revela como veículo de expressão da alteridade, de forma que o sujeito da miséria consegue se transpor e se inserir em um mundo possível. Carolina Maria de Jesus entrevê, na escrita do seu diário, a possibilidade de ir além da favela, crivando o mundo, ressignificando-o e enunciando-o no meio literário como forma de inclusão social. É por meio dessa revisita aos espaços da memória, que se dá pela escrita do diário, que a autora projeta as suas relações de outridade. Reviver os fatos cotidianos por meio do registro permite a análise dessas relações interpessoais, transcendendo o mero relato. No diário, por exemplo, Carolina expõe suas opiniões críticas sobre os seus vizinhos moradores da favela e, em seus apontamentos, reconhece as interdependências desses relacionamentos, a partir dos quais se instaura o eu diarístico.

Para compreender como esse eu feminino se forma e se comporta enquanto sujeito social, é preciso atentar para as suas relações interpessoais. A autenticidade do relato diário vem em favorecimento de Carolina de Jesus, pois lhe possibilita reportar os diálogos com as pessoas com quem mantém alguma forma de vínculo, que pode ser de proximidade, de dependência, de interesse ou de afetividade. Mesmo que seja passageira e momentânea, a relação internaliza o discurso do outro e o ressignifica em sua narrativa.

Ao longo da narrativa, Carolina, paralelamente à transcrição dos fatos ocorridos, apresenta um argumento crítico que mostra ao leitor seu posicionamento diante dos fatos. Essa análise se centraliza nas relações que estabelecia com o outro: de um lado, o que lhe é semelhante, ou seja, os moradores da favela de Canindé, os marginalizados e enfeitados que viviam nas mesmas condições socioeconômicas que ela; e o outro diferente, constituído pelos moradores do asfalto, do grande centro urbano, pessoas de classes sociais mais elevadas e, portanto, com melhores condições de vida.

É banal dizer que nunca existimos no singular. Estamos rodeados de seres e de coisas com os quais mantemos relações. Pela vista, pelo tato, pela simpatia, pelo trabalho em comum, estamos com os outros. Todas estas relações, são transitivas. Toco um objeto, vejo o outro, mas não sou o outro (LÉVINAS, 1982, p. 50).

As relações interpessoais são, portanto, caracterizadas pela interdependência que o eu mantém com o outro, ou seja, o ser social forma sua identidade somente a partir das suas relações com o meio em que vive e seu compartilhamento de vivências com o outro, pois é através dessas trocas que o eu sofrerá mudanças e moldará sua identificação como sujeito.

Levinás explica que

o Eu (Moi) diante do outro é infinitamente responsável. O outro que provoca este movimento ético na consciência, que desordena a boa consciência da coincidência do Mesmo consigo próprio, comporta um excesso inadequado à intencionalidade. (LEVINÁS 1993, p. 62)

Assim sendo, as relações de outriedade são formadas por trocas entre os sujeitos, e tal vínculo é responsável por estabelecer a humanidade e manter a sensibilidade entre os seres sociais.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que Carolina Maria de Jesus orquestra as mais diversas vozes que perpassam suas interações. É por meio dessa escrita mnemônica, que se pode perceber suas percepções a respeito dos demais moradores da favela de Canindé. Ao mesmo tempo em que se compadece com as condições em que

vive, também critica o posicionamento e as ações dos seus vizinhos. Ela sente a necessidade de reportar suas opiniões e a de outros moradores, impondo um tom, ao mesmo tempo, de testemunho e de denúncia.

Essa contrariedade, visível ao longo de toda narrativa, se estabelece, primeiramente, através da maternidade. É por meio dela que Carolina cria seu primeiro espaço de resistência. Os filhos são mantidos em sua própria esfera de proteção, desenvolvida porque as crianças orbitavam em um espaço de constante transição entre a proteção e a ameaça. Enquanto não conseguia mudar o destino da sua vida e sair da favela, o quarto de despejo do mundo, ela lutava para proteger seus filhos das más influências, dos vizinhos violentos que insistiam em confrontá-la, mantendo-os sempre nos arredores de seu humilde barraco:

Deixei as crianças brincando no quintal. Tinha muito papel. Trabalhei depressa pensando que aquelas bestas humanas são capazes de invadir o meu barracão e maltratar meus filhos. Trabalhe apreensiva e agitada. A minha cabeça começou a doer. Elas costumam esperar eu sair para vir no meu barracão espancar meus filhos. Justamente quando não estou em casa. Quando as crianças estão sozinhas e não podem se defender (JESUS, 2014, p. 19).

É possível perceber seu posicionamento diante das relações com os demais moradores da favela do Canindé. Nota-se que esse relacionamento é constituído por desgosto e desconfiança, eivado pelo julgamento que projeta sobre as outras mães, expresso em comentários moralizantes sobre suas ações: “Tenho responsabilidade. Os meus filhos. E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial. O que eu reprovos nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá para as crianças beber” (JESUS, 2015, p. 21).

Além da denúncia, sua escrita e autodenominação como autora são pontos de estranhamento entre Carolina e seus vizinhos. A narradora deixa entrever um distanciamento proposital entre ela e os demais moradores da favela. Na mesma medida em que sua escrita busca instaurar a ordem, ainda que mínima, mostra seu repúdio quanto à situação miserável em que se encontra: “Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim. Ordinária!” (JESUS, 2015, p. 151).

Por outro lado, muitos dos pensamentos da autora mostram a internalização dos valores patriarcais e, muitas vezes, ela se vê obrigada a se afirmar diante da comparação e subestimação sofrida por parte dos outros, como forma de garantir alguma possibilidade de obter algum privilégio da classe hegemônica branca para a qual

destinava os seus escritos. Ela é naturalmente subversiva, no que diz respeito à família e ao comportamento social, no entanto, reprovava a prostituição e o sexo livre, principalmente por parte das mulheres. Embora veja de forma estereotipada os empobrecidos, também denuncia as violências sofridas por eles naquele ambiente hostil, onde vivem sem nenhum tipo de proteção, marcada pela ausência quase que total dos recursos básicos de sobrevivência que o Estado jamais proveu.

Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz:

- Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais (JESUS, 2015, p.32).

Esse movimento de inserção da voz do *outro* se impõe no discurso e se constitui no campo de construção identitária de Carolina. Nesse processo de escrevivência⁵⁶, que se forma em conjunto com a introdução da voz das alteridades, pode-se perceber como se dá a subjetividade da autora. Azerêdo (2008) ressalta que se percebe na biografia a preocupação em explicar essa necessidade de escrever como um caminho para “o sucesso”. Em vários momentos, que se observa a voz do *outro* nos escritos, nota-se, também, a reconstrução mnemônica tanto de Carolina Maria de Jesus quanto da pessoa com quem dialoga, ou mesmo de pessoas que não estão diretamente envolvidas nesse diálogo.

O desejo de mudar de vida faz com que Carolina, muitas vezes, estabeleça comparações entre ela e as outras mulheres pertencentes às classes sociais mais elevadas. Comparações que fazem com que ela se coloque em um espaço inferiorizado, objetificando a si mesma como sujeito descartável em permanência inferior da escala social.

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2015, p. 37).

A amargura em seu discurso, decorrente do constante medo e da incerteza do seu futuro, faz com que a narradora não hesite em dar opiniões sobre as patroas. Esse estranhamento existente entre a autora e as mulheres “da cidade” surge mediante sua revolta com o preconceito que a circunda e, principalmente, por perceber que há uma constante exploração do seu trabalho e que seu esforço jamais seria reconhecido. A consciência da desvalorização fica visível quando a autora afirma que sempre sentiu

⁵⁶ O termo escrevivência foi empregado pela escritora Conceição Evaristo como “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (OLIVEIRA, 2009, p. 622).

desejo de publicar seu diário: “Não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo” (JESUS, 2012, p. 28).

Por se mostrar contrária às suas condições sociais, a autora do diário transcreve sua invisibilidade étnica e de gênero, bem como do coletivo da favela do Canindé. São evidentes os sentimentos de humilhação e de desconsideração quanto às questões étnicas, como no excerto a seguir:

Um dia, um branco disse-me:

— Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (JESUS, 2015, p. 65).

Além do reconhecimento das hostilidades sofridas em virtude da cor da pele, da posição social e por ser mulher, Carolina se vê mais inferiorizada em virtude de residir em um ambiente sujo, feio e estar sempre vestindo roupas maltrapilhas. Vê-se, pois, como um objeto que pode ser descartado, no quarto de despejo.

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram a cidade mais afamada da América do Sul que está enferma. Com as suas úlceras. As favelas. (JESUS, 2015, p. 85).

É interessante perceber que Carolina se identifica com o mundo letrado e com as pessoas que nele se inserem, âmbito constituído, em geral, por uma elite branca, o que difere do perfil da autora. Os seus textos foram redigidos para um interlocutor não pertencente a seu meio, ou seja, não são textos para quem mora na favela. Em sua visão, esse espaço embrutece as pessoas, mesmo os ajuizados acabam por perder a educação, dando a impressão de que ela mira o lugar em que mora de longe e quase nunca se insere nele: “Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (JESUS, 2015, p. 37). O emprego do verbo “devo” pode ser compreendido não como desejo, mas como expressão da força social coercitiva que age sobre ela.

Quando olha a si mesma — voltando ao passado e no momento presente —, a Carolina diarista realiza um processo de autoescrutínio, revelando a constante evolução do sujeito, em que, segundo Paul Ricoeur (1991), a mesmidade deixa de ser o fator predominante. Ela cede espaço para a ipseidade, isto é, um si mutável, diferente

em cada nova fase da vida, dessemelhante também daquele que narra e busca reencontrar a menina perdida, encoberta pelo véu do tempo e do esquecimento.

No presente, Carolina sonha com a grandeza da cidade, onde as pessoas se vestem e cheiram bem, são educadas e onde há casas de alvenaria muito coloridas, o que permite visualizar, nitidamente, essa dicotomia entre cidade/favela da diarista, imposta pelo mundo de oposições da sociedade capitalista. Ela se encontra, portanto, em um não lugar, ou seja, não se sente pertencente à favela, mas também não se encontra na cidade, está, pois, em um entremeio, onde vivencia a sua solidão e o abandono social. Entretanto, mesmo mediante o sentimento de não pertencimento à favela, Carolina se mostra consciente da pobreza que assola todos os que vivem nela e se mostra solidária, ao mesmo tempo que revoltosa com as desigualdades entre as classes sociais, fazendo com que seu texto atinja grandeza, na medida em que institui uma cosmovisão questionadora do *status quo*, a partir do olhar “de baixo”.

Conclusão

A marginalidade nunca foi tão produtiva e tão inspiradora quanto nos dias de hoje. Essa reposição dos sujeitos marginalizados na literatura nacional permite que deixem a posição de personagem estereotipada, assumindo o lugar da autoria, o que interfere na maleabilidade do cânone literário brasileiro por meio da inserção de outros retratos e outras vozes presentes nas narrativas contemporâneas. A literatura, assim, em certo aspecto, abre-se para o seu outro e permite visualizar as classes sociais menos favorecidas e questionar as diferenças entre as distintas camadas da sociedade brasileira.

É, pois, por meio de sua escrevivência mnemônica que Carolina apresenta uma realidade muito ocultada e que ainda luta por visibilidade. Ela é protagonista de um cenário miserável e produz uma literatura que se opõe ao cânone aclamado pelas instâncias legitimadoras das grandes artes literárias. Essa versatilidade, que muitas vezes pode ser interpretada como contradição comportamental, perpassa toda a sua comunidade que foi obrigada a se adaptar às condições sociais em que foi inserida.

A escritora Carolina Maria de Jesus tinha plena consciência de que sua escrita transcende sua revolta. Constitui, sobretudo, uma forma de dar-se conta de sua própria existência, ressignificando seu cotidiano de catadora de papel como evento singular por meio da escrita. A longo de todo seu texto, Carolina revela barreiras entre ela e o outro, e sua hostilidade se torna perceptível, uma vez que procurava não se

envolver com os demais moradores da favela. Por ser culta, leitora e escritora, Carolina vê as outras mulheres como incultas e que falam somente da vida alheia. Cuida bem de seus filhos, enquanto as outras deixam os seus filhos perecerem diante das mazelas e descaminhos que o quarto de despejo proporciona. Na outra direção, Carolina olha para o outro, morador do asfalto, de classe social mais elevada, com sentimentos de desejo de proximidade, por querer pertencer ao mesmo meio, mas também com olhos julgadores de quem sofre diante dos preconceitos e dos olhares críticos de quem percebe os contrastes sociais.

Assim, o diário de Carolina se confirma enquanto literatura de denúncia por trazer aspectos críticos que apontam, não somente as desigualdades sociais, mas também o desgaste das relações interpessoais. Elementos que se concretizam por meio da mimese que exerce sua função de representação do real, convidando o leitor à reflexão. O receptor pode, assim, colocar-se no lugar de Carolina enquanto sujeito subalternizado, afinando as relações existentes entre os sujeitos sociais. O diário de Carolina cumpre, pois, seu papel literário, que é de desenvolver “em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180), pelo estranhamento de sua escrita única. E, assim, Carolina Maria de Jesus problematiza, de um lado, a literatura por sua posição enquanto sujeito marginalizado; e, por outro, a sociedade, por meio das relações de alteridade estabelecidas, mostrando o valor estético e testemunhal de sua obra.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

AZERÊDO, Mônica Horta. **A representação do feminino heroico na literatura e no cinema: uma análise das obras Quarto de despejo: diário de uma favelada, Estamira e Estamira para todos e para ninguém, (Marcos Prado), De salto alto e Tudo sobre minha mãe (Pedro Almodóvar)**. 2012, 346 p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de Brasília, Université Rennes 2 Haute Bretagne. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11294/1/2012_MonicaHortaAzeredo.pdf.

Acesso em: 11 Jan. 2022.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas de**

representação na narrativa brasileira contemporânea. Brasília: Editora da UNB, Finatec, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GUTFREIND, Cristiane Freitas. **Narrar o biográfico: a comunicação e a diversidade escrita**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Porto Alegre: Ática, 2014.

KUNZ, Marinês Andrea; CONTE, Daniel; BOTTON, André Natã Mello. Ensaio sobre a cegueira: alteridade na literatura e no cinema. **Sociopoética**, vol. 1, n. 10, jan-jun 2013, p. 09 - 31. Campina Grande. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/view/2690/2239>. Acesso em: 11 Jan. 2022.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEVINÁS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Lisboa: Editora Edições 70, 1982.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, vol. 17, n. 2, Florianópolis Mai/Ago. 2009, Florianópolis. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 Jan. 2022.

SARAIVA, Juracy A. Narrativa literária: aspectos composicionais e significação. In: _____. (Org.) **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 51 – 62.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2019.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.

VASCONCELOS, Vania. **No colo das Iabás: maternidade, raça e gênero em escritoras afro-brasileiras**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

THE DIARISTIC FEMALE SELF IN *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, BY CAROLINA MARIA DE JESUS, AND THE ALTERITY

Abstract

Brazilian literature is still a very closed system, in which authors from the margin seek their space. In this sense, black writers, in particular, have been fighting for recognition by their peers, in order to occupy a dignified space and emerge in the canonical fabric. In this perspective, the trajectory of the writer Carolina Maria de Jesus is precursor. In view of this, this article aims to analyze the construction of the diary feminine self in *Quarto de despejo*, by Carolina Maria de Jesus, and the relationships of otherness evidenced in the narrative plot. It is through the perception of the feminine self in analysis that one can understand its positioning as a social subject, its knowledge and its view of the world and of the other as a woman, black and slum dweller woman. Carolina Maria de Jesus problematizes, on the one hand, literature for its position as a marginalized subject; and, on the other hand, society, through the relations of otherness established in his narrative, showing the aesthetic and testimonial value of his work.

Keywords

Quarto de despejo. Diary. Female self. Alterity. Brasilien Literature.

Recebido em: 15/04/2022

Aprovado em: 11/01/2022